

ed. 30.147

# Quando mulheres desafiam engenheiras

## Referência para raparigas

CONVERSAMOS primeiro com Páscoa dos Santos Magaia, 33 anos de idade, solteira, que concluiu o ensino médio na Escola Secundária Josina Machel, cidade de Maputo. O seu percurso inicia quando ganha uma bolsa de estudo para fazer licenciatura em Engenharia Química na Malásia, onde permaneceu por cinco anos e teve estágio profissional.

"A minha integração não foi fácil. Era a primeira vez que ia viver longe de tudo e de todos. Depois a cultura e comida são totalmente diferentes. Levei dois anos para estabilizar", lembrou.

De regresso a Moçambique, Páscoa consegue uma vaga na Sasol, onde iniciou como estagiária e depois operadora de produção. Enquanto labutava, concorreu a uma bolsa de estudo para mestrado em Engenharia Química, na Suécia, para área de energia e meio ambiente.

Questionada sobre as razões que contribuem para que poucas mulheres frequentem cursos de engenharias, Páscoa entende que são vários os factores, na sua maioria culturais.

"O problema começa desde a infância. Daquilo que tenho observado, quando se trata de comprar presentes para menina ou rapaz, ela sempre vai ter uma boneca ou uma mini-cozinha e ele recebe carrinhos e talvez um jogo de ferramentas. Isto devemos mudar. Claro que vai levar o seu tempo", opinou.

Outro ponto, segundo a fonte, é o pensamento de que fazer Engenharia Química, por exemplo, significa trabalhar sempre no campo e ficar longe da família, para além da pressão que se tem para constituir família, mesmo quando a pessoa precisa de



- O problema começa desde a infância, Páscoa dos Santos Magaia

continuar com os estudos.

"A sociedade esquece que cada um tem o seu momento. Não é o facto de muitos seguirem um determinado padrão que todos devem alinhar", disse.

Para Páscoa, as raparigas precisam de ter referências e exemplos de sucesso de mulheres que estão no ramo das engenharias e que dão o seu contributo para o desenvolvimento do país.

"Muitas das engenheiras são casadas, têm famílias e, mesmo assim, estão inseridas no mercado dos hidrocarbonetos. Uma das coisas que se tem feito fora do país, mesmo na sede da Anadarko, é reservar um dia para que os filhos visitem o trabalho dos pais", disse, acrescentando que o mais importante é que a pessoa consiga equilibrar o trabalho e a família, mas para isso precisa do apoio de todos.

## As mais empenhadas

QUANDO as mulheres decidem

n EVELINA MUCHANGA

**HÁ cada vez mais mulheres que escolhem a engenharia como profissão. Aos poucos vão quebrando estereótipos e conquistando seu espaço, trabalhando em pé de igualdade com profissionais do sexo masculino.**

FOTOS DE C. BILA



Há cada vez mais mulheres a cursar engenharias no país

Ainda não são muitas, mas as poucas que se interessam pelo ramo ou que tiveram oportunidade para se formar e trabalhar na área fazem-no com dedicação e ganham notoriedade por onde passam.

Esta semana trazemos a história de três jovens que conquistaram espaço no mundo das engenharias. Actualmente fazem parte de profissionais da Anadarko, empresa de hidrocarbonetos que está a fazer a prospecção

do gás na bacia do Rovuma, em Cabo Delgado. Trata-se de Páscoa, Elma e Esmeralda. As três nasceram e cresceram na cidade de Maputo, onde estudaram até ao nível médio. Não se conheciam antes, mas o destino juntou estas mulheres nesta empresa onde tiveram a oportunidade de se formar nos Estados Unidos de América, em 2014, depois da admissão na Anadarko.

Durante a capacitação, que durou dois anos, estas jovens tiveram a oportunidade de interagir

com pessoas experientes nos seus ramos de especialização, o que contribuiu para o aumento dos seus conhecimentos e confiança no trabalho.

"Tive bastante formação para aprender a trabalhar na perspectiva de produção futura com ferramentas específicas, como o modelo 3D para criar mapas", explica Esmeralda dos Muchangos Dalsuco, engenheira geológica.

Nos EUA, o trabalho da engenheira química consistiu em supervisionar a plataforma.

Todos os dias tinha de ver se a produção está nos níveis desejados, disse Páscoa dos Santos Magaia.

Para Elma da Conceição, tudo era novo na Anadarko, embora tenha feito a pós-graduação em Engenharia de Reservatórios. "Ainda estou no processo de crescimento e a minha expectativa é de continuar a crescer e a desenvolver na área", disse.

A Anadarko está a desenvolver a primeira fábrica do Gás Natural Liquefeito (GNL) em ter-

ra, que consiste, inicialmente, em dois módulos de produção com a capacidade total de 12 milhões de toneladas por ano (MTPA), através do gás natural proveniente dos campos Golfinho/Atum localizados no mar inteiramente dentro da Área 1.

A sua missão é de garantir uma taxa de retorno competitiva e sustentável para os seus accionistas através da pesquisa, aquisição e desenvolvimento de recursos petrolíferos e gás natural vitais para a saúde e bem-estar mundial.

trabalhar na área fazem-no com dedicação e ganham notoriedade por onde passam.

Esta semana trazemos a história de três jovens que conquistaram espaço no mundo das engenharias. Actualmente fazem parte de profissionais da Anadarko, empresa de hidrocarbonetos que está a fazer a prospecção

ao nível mundial. Não se conheciam antes, mas o destino juntou estas mulheres nesta empresa onde tiveram a oportunidade de se formar nos Estados Unidos de América, em 2014, depois da admissão na Anadarko.

Durante a capacitação, que durou dois anos, estas jovens tiveram a oportunidade de intera-

ter com a formação para aprender a trabalhar na perspectiva de produção futura com ferramentas específicas, como o modelo 3D para criar mapas", explica Esmeralda dos Muchangos Dalsuco, engenheira geológica.

Nos EUA, o trabalho da engenheira química consistiu em supervisionar a plataforma.

era novo na Anadarko, embora tenha feito a pós-graduação em Engenharia de Reservatórios.

"Ainda estou no processo de crescimento e a minha expectativa é de continuar a crescer e a desenvolver na área", disse.

A Anadarko está a desenvolver a primeira fábrica do Gás Natural Liquefeito (GNL) em ter-

campos Gómeo/Adam localizados no mar inteiramente dentro da Área 1.

A sua missão é de garantir uma taxa de retorno competitiva e sustentável para os seus accionistas através da pesquisa, aquisição e desenvolvimento de recursos petrolíferos e gás natural vitais para a saúde e bem-estar mundial.

## Diferença está na vocação

QUANDO viu um anúncio publicitário dando conta da existência de uma vaga para a área de Engenharia de Reservatórios na Anadarko, Elma da Conceição, 32 anos de idade, não perdeu a oportunidade, concorreu, passou por vários processos de selecção e conseguiu.

O espírito de enfrentar desafios nutre nela desde cedo. Exemplo disso, foi quando teve de escolher entre fazer um curso que ela tinha mais ou menos noção do que se estudava e outro que nem sequer sabia do que se tratava de concreto, escolheu o caminho mais difícil.

"Gosto de Matemática e Física. Quando terminei a 12.ª Classe não sabia o que queria fazer, sabia que queria um curso que tivesse as duas disciplinas. Quando vi que quase todos tinham a primeira opção informática (missor na altura) decidi escolhi Física Aplicada como

segunda. Eu não sabia o que davam nesta cadeira, mas percebi que pouca gente ia concorrer e foi nessa lógica que fiz a minha escolha", explicou.

Para ela, fazer Física Aplicada foi muito bom, apesar de a turma (20 estudantes) onde estava inserida tinha apenas duas mulheres, pois aplicava-se muito nas aulas ao ponto de se tornar numa das melhores. Aprendeu a conviver mais com homens ao ponto de se trajar como um rapaz para que todos se sentissem à vontade e não a vissem apenas como mulher, mas sim estudante.

Entende que as mulheres que fazem engenharias não são mais inteligentes que aquelas que cursam ciências sociais ou outras áreas, como tem ouvido falar na sociedade. A diferença, no seu ponto de vista, reside na inclinação que cada uma tem para determinada actividade.

"Adicionado a isso, acho que existe estereótipos na nossa sociedade de que os cursos de engenharia são mais para homens e difíceis. Acho que a dedicação e busca constante de conhecimento é o que se quer", referiu convidando as raparigas a desafiar áreas que se diz serem difíceis.

Quanto ao trabalho e à família, esta jovem mulher, solteira, é de opinião que todas as áreas de trabalho têm os seus desafios nesta componente. "O importante é compensar esse momento, pode ser através de férias gozadas ao longo do ano.

Elma fez o ensino primário na Escola Primária da Maxaquene. Licenciou pela Universidade Eduardo Mondlane na área da Física Aplicada e depois fez uma pós-graduação na área de Engenharia de Reservatórios na Itália. A sua ambição é de crescer profissionalmente na Anadarko.



- A questão não tem a ver com a inteligência, Elma da Conceição

## Apoio da família é crucial

ESMERALDA dos Muchangos Dalsuco, 32 anos de idade, casada há sete anos e mãe de uma menina, fez uma formação integrada (licenciatura e mestrado) na Universidade de Aveiro, Portugal, em Engenharia Geológica e outro em Biociências de Petróleo na Inglaterra.

Filha de pais geógrafos, esta jovem mulher entende que a sua escolha nesta área pode estar relacionada ao facto de ter crescido entre mapas e atlas na família, mas nada foi intencional.

"Durante um período vivi com meu tio paterno, que é geólogo. Em casa, eu tinha amostras de rochas e gostava de estar em contacto. Mas nunca houve uma intenção directa de me influenciar para seguir esta área. Acho que implicitamente foi ficando em mim e quando cheguei ao secundário já sabia que gostava de

ciências da terra. Foi um gosto que fui desenvolvendo com o tempo sem me dar conta", observou.

Parte do seu percurso académico foi partilhada com os deveres de mãe e esposa. Conta como consegue conciliar, sem prejudicar a família, a formação e o trabalho: "em cada momento temos de procurar equilíbrio nestas duas fases da nossa vida. Para mim é importante o apoio da família. O trabalho que faço é possível porque tenho suporte dos meus pais, sogros, esposo, filha e minhas irmãs. São coisas que se complementam. Para mim, vejo a minha família como importante. O emprego também, mas sempre tem de se procurar um equilíbrio".

Exemplo da pertinência do envolvimento e colaboração da família foi quando Esmeralda teve de ir participar numa formação durante dois anos nos Estados

Unidos da América. O seu esposo e filha acompanharam-na para apoiá-la.

"Seria muito difícil para mim sem o apoio deles. Fomos juntos e foi uma experiência positiva para todos nós. Decidimos juntos e penso que correu bem. Reforçar que, para o trabalho que faço hoje, sempre tive um apoio muito grande da minha família", reconheceu.

Para Esmeralda, a razão de se ter menos mulheres nas áreas como engenharias tem a ver com questões culturais da sociedade que associa determinadas funções ao género. "Ter mulheres a trabalhar fora de casa é algo novo. Mas, gradualmente, vamos habituando ver em áreas que não são tradicionalmente associadas ao género feminino. É uma questão que tem a ver com a expectativa que nós temos em relação ao papel de cada género", disse.



- Seria muito difícil para mim sem o apoio da família", Esmeralda Dos Muchangos Dalsuco

para contribuir família, mesmo quando a pessoa precisa de

contributo para o desenvolvimento do país.

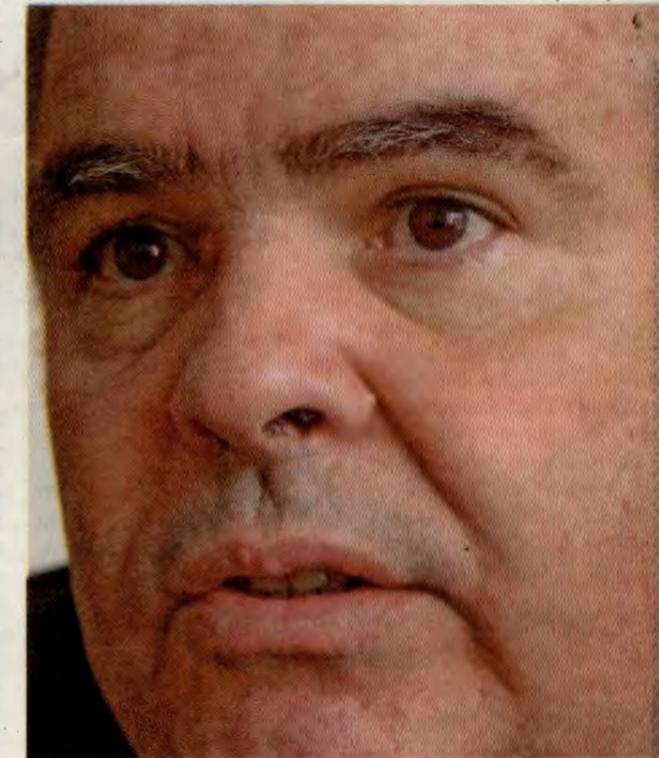
trabalho e a família, mas para isso precisa do apoio de todos.

## As mais empenhadas

QUANDO as mulheres decidem abraçar as engenharias ou outras áreas tradicionalmente ditas como masculinas têm se empenhado e destacado como melhores profissionais ou estudantes.

"Sou engenheiro mecânico e professor das engenharias há 32 anos. No meu departamento temos poucas meninas. Este cenário nos últimos oito, dez anos tem sido alterado. Eu percebo que as mulheres são muito mais sérias comparando com os rapazes. Aplicam-se muito mais no trabalho. Os rapazes são mais relaxados. Normalmente, nas turmas, as melhores notas são sempre de colegas do sexo feminino e isto é uma coisa muito interessante porque maioritariamente são homens. Em termos de relacionamento entre colegas, até hoje eu julgo que é fantástico, não há nenhum problema quer dos rapazes para as meninas, quer das meninas para os rapazes, eles dão-se muito bem", observou o professor António Matos.

Encontramos o docente esta semana no decorrer do VIII Congresso Luso-Moçambicano de Engenheiros e o V Congresso de Engenheiros de Moçambique. Ele entende que a pouca participação das mulheres nos cursos de engenharias está relacionado com as dificuldades que estas têm em certas disciplinas, tais como Matemática e Física aliado



- Mulheres que fazem engenharia mecânica não são bem vistas pela sociedade, Professor António Matos

a preconceitos culturais.

"Uma engenheira mecânica não é bem vista. A sociedade, os pais e todos nós achamos que ela não pode porque vai estar com óleo, sujar-se, etc. Mas não é este o conceito hoje em dia na engenharia", exemplificou.

Fez saber que a Ordem dos

Engenheiros de Moçambique (constituída por 2500 membros, sendo cerca de 65 a 70 por cento do sexo masculino) tem trabalhado junto das instituições de ensino para se incentivar as mulheres a cursar engenharias, oferecendo bolsas para o mestrado e doutoramento.

PUBLICIDADE

O seu diário disponível em  
[www.jornalnoticias.co.mz](http://www.jornalnoticias.co.mz)

Acesse já!



Para trabalhos tipográficos, contacte a Tipografia do notícias sítio na:  
Av. Mohamed Siad Barre, n.º 424 - Telef. 21320094 / 21324118

MAPUTO-MOÇAMBIQUE